

BECK DOREY-STEIN

do canto da sala oval

A vida real nos bastidores
da Casa Branca



«Quem diria que a Ala Ocidental
podia ser tão sexy?»

LAUREN WEISBERGER
AUTORA DE *O DIABO VESTE PRADA*

Certos nomes e sinais distintivos foram alterados para proteger a privacidade dos indivíduos. Recorri a pseudónimos, compósitos e outras dissimulações. Em certos casos, reformulei e/ou condensei acontecimentos e épocas ao serviço da narrativa. Recriei diálogos o melhor que pude, com a ajuda de textos, diários difíceis de visitar, apontamentos no telemóvel e e-mails para a minha mãe. Os leitores que julguem reconhecer-se devem ouvir a terceira faixa do álbum *No Secrets*, de Carly Simon, ou, porventura, preparar uma bebida forte e retirar-se para «aquela cama notoriamente desconfortável», como diria a inefável Joan Didion.

BECK DOREY-STEIN

Para as aguerridas

PÕE A MÚSICA MAIS ALTO!
O MEU CORAÇÃO PARECE UM JACARÉ!

HUNTER S. THOMPSON

ÍNDICE

Diretrizes para aspirantes a estenógrafas	17
Prólogo: Este lugar.....	21

ATO I: 2011-2012

Unir os pontos (2011–janeiro de 2012)	27
Bem-vinda ao bairro (fevereiro)	46
Os dias na <i>pool</i> (março)	52
Vagigantas (abril)	63
O circo (maio)	67
Em nome do feminismo (maio–junho)	71
Paraíso, festa para uma pessoa (junho).....	78
Sonha em grande (julho–agosto).....	86
O estratega galopante (setembro–novembro)	92
Olha para cima (final de novembro).....	96
Desiludida (dezembro)	107

ATO II: 2013

Vai para onde tens de ir (janeiro).....	113
Esperança e mudança (fevereiro)	123
Atrás do sol (março).....	129
As laçadas nos atacadores (abril–maio).....	136
Triângulos de luz (maio–junho).....	143
Não bebas a água (junho–julho)	149
Gafes (agosto).....	159
Viver o sonho (setembro–novembro)	169
Só tentamos acertar o nosso parágrafo (dezembro)	177

ATO III: 2014

Dividida ao meio (janeiro).....	187
Cicatrizes (fevereiro).....	193
Se a oração fosse feita de som (março–junho).....	200
A rapariga que tem tudo (meados de junho)	208
Tacada tripla (5–19 de agosto).....	215
Faz as contas (final de agosto–setembro)	229
Eu acredito na esperança (setembro)	233
Naufrágio (outubro–dezembro)	238

ATO IV: 2015

No topo reina a solidão (janeiro)	245
Levar avante (fevereiro)	257
Levanta-te e fica de pé (março–abril)	260
Imitações de intimidade (maio).....	272
Sublime Graça (junho)	279
Avança para o bem (julho)	283
O canto do cisne (agosto–setembro).....	290
Simples, duplas e em cheio (novembro)	295
Não nos deixaremos aterrorizar (dezembro)	298

ATO V: 2016-2017

Não estragues tudo (janeiro).....	305
Regresso ao jogo (fevereiro–março)	310
O mundo ao contrário (abril)	319
Disfarce de smoking (abril–maio)	321
Vale tudo (abril–maio)	328
Bem-vinda aos 30! (junho)	333
Pulsação (junho)	339
Vira-te e encara a estranheza (julho)	344
Afundanço do exterior (agosto).....	347
Larga esta trampa (setembro)	349
O sol vai aparecer (novembro)	355
O trabalho é que importa (final de novembro)	360
<i>Mahalo</i> (dezembro).....	365
Não podes impedir o fim de findar (janeiro de 2017).....	368
Epílogo: Mandem entrar os palhaços	373
Agradecimentos	377

DIRETRIZES PARA ASPIRANTES A ESTENÓGRAFAS

Obedecer às regras da gramática e outras.

Aparecer cedo e não dizer nada.

Ser discreta e asseada — como uma bibliotecária
ou uma prostituta bem paga.

Os tons neutros dão o tom.

Respirar silenciosamente ou não respirar de todo.

Aplicar ponto e vírgula com parcimónia; não pôr
em causa as convenções.

Viver para digitar, não digitar para viver.

Exalar feminilidade de modo estritamente assexual.

Nada de malandrice no trabalho — nem em parte
nenhuma, jamais.

Não buscar a perfeição. *Ser* a perfeição.

Acima de tudo, guardar os segredos só para si.

EU NÃO DEVIA SER ESTENÓGRAFA.

PRÓLOGO

Este lugar

NUMA NOITE COMO ESTA, ESPERO PELA VOZ DE DEUS.

A qualquer momento, o presidente Obama vai fazer declarações na Sala Oriental da Casa Branca. Do lado de lá de um parque de estacionamento, três corredores mais abaixo e cinco lanços de escada mais acima, no Eisenhower Executive Office Building, estou deitada no sofá do meu pequeno gabinete, e o sol poente enche a sala com um laranja inflamável. A Voz de Deus é a pessoa anónima que anuncia o presidente. Estou à espera de o ouvir.

A qualquer momento.

Tornei-me ótima a esperar.

Lembra-se daquelas raras noites em que, quando era criança, voltava à escola preparatória, depois do jantar, para participar no concerto natalício ou na peça da primavera? Ia a correr à frente dos seus pais, passava pela sua sala adormecida, rumo ao som do riso dos miúdos e dos professores que os mandavam calar. Cada passo seu a pulsar de malícia cinética, o coração descompassado por se encontrar naquele lugar sagrado àquela hora tão mágica. Quando virava a esquina para o átrio grande, lá estavam eles, todos os seus amigos, já perfilados com calças pretas e camisas brancas abotoadas, a fazer-lhe

sinal para ir ter com eles porque, nessa noite, tudo pode acontecer. Sabe que está no lugar certo.

Finalmente, ouço a Voz de Deus e vou até ao monitor de video-vigilância para aumentar o volume. Um minuto depois, o presidente aparece no ecrã, diz piadas e faz as suas pausas típicas, antes de abordar o tópico da noite. Fala com eloquência, equanimidade, sinceridade. Os aplausos abafam-no quando o presidente pede que Deus abençoe a audiência e os Estados Unidos da América. Escrevo a transcrição, revejo o texto e envio-o para o gabinete de imprensa, antes de correr o fecho do casaco, pôr a mochila às costas e fechar a porta de madeira do gabinete atrás de mim.

Já passa das nove e eu percorro os átrios vazios ao fim da noite. O chão de mármore preto e branco faz eco de tantos segredos e possibilidades emocionantes.

Nos últimos cinco anos, esta foi a minha casa. Durante esse tempo todo, foi o lugar onde queria estar. Agora já não. Desde novembro, cada dia aqui parece um funeral. Tenho o átrio só para mim — até os senhores da manutenção de avental azul estão noutra lugar, a empurrar os seus pesados carrinhos de limpeza. As portas entreabertas revelam secretárias despojadas, paredes nuas, molduras pretas vazias, pilhas de papel ao lado de cestos a transbordar. Cada sala é como o diagrama de uma fase diferente de um divórcio inevitável.

Passo pelas portas de vidro lentas e automatizadas do edifício executivo e saio para a escuridão gelada de mais uma noite de janeiro. Do cimo dos degraus da Marinha, vejo grupos de pessoas que se deixaram ficar debaixo do candeeiro depois da volta à Ala Ocidental. O único som é o batuque oco do cabo contra o pau da bandeira. Este lugar já parece mais um monumento e menos a máquina bem oleada que acabei por conhecer. A lua cheia paira por cima da Casa Branca como uma bandeira a meia haste.

Esta é a minha escola. Este é o meu local de culto. Isto é tudo para mim... mas está a desaparecer a cada dia que passa.

Passo pelo carro dele e faço um traço com o dedo no para-choques, sabendo que há agentes a ver, no interior das carrinhas estacionadas. Depois de fazer adeus ao novo guarda que está de turno, passo

pela acreditação, ouço o zumbido, o clique, o ranger do portão e saio para a Pennsylvania Avenue, que está vazia.

Este lugar.

Este lugar.

Este lugar pode partir-nos o coração.

Toda a gente fala do fim, mas eu estou sempre a voltar ao início.



ATO I

2011-2012

«Nós conseguimos. Eu sei que sim, porque
já conseguimos antes.»

PRESIDENTE BARACK OBAMA, DISCURSO DO ESTADO DA UNIÃO, 2012



UNIR OS PONTOS

2011–janeiro de 2012

— O QUE É QUE FAZ NA VIDA?

É a primeira pergunta que as pessoas fazem em Washington, D.C., e a última a que se quer responder quando se está desempregado, como eu estou. Estamos em outubro de 2011, e, desde o verão, sento-me à mesa da cozinha, das nove às cinco, a escrever cartas de apresentação que ninguém vai ler. Vou baixando cada vez mais a fasquia e já não estou à espera de entrevistas propriamente ditas, apenas de respostas genéricas acerca da receção das minhas candidaturas, para eu saber que não desapareci do mapa, mesmo que as poupanças e a autoconfiança se tenham evaporado. Acabei por dar valor a patrões que têm consideração suficiente para me recusarem devidamente com uma mensagem de cortesia. A folha de cálculo pouco convicta que tenho no computador mostra zero perspectivas de emprego mas toneladas de empréstimos para os estudos, além da renda a pagar daqui a quatro dias. Agora é altura de ir derreter mais dinheiro que não tenho num bar cheio de palermas.

Dante esqueceu-se de referir o décimo círculo do inferno, destinado a quem finge ser feliz durante uma *happy hour* cheia de jovens aspirantes a políticos, num bar de quinta categoria com o chão pegajoso

a dois quarteirões da Casa Branca. São lugares sem alma, parecidos com o TGI Fridays, só que os cocktails custam 17 dólares e, de cada vez que entro num sítio destes, surge-me na cabeça a banda sonora do filme *Tubarão*.

Sei que a pergunta está para breve, a espreitar logo abaixo da superfície, como um predador cheio de paciência. «O que é que faz na vida? O que é que faz na vida? O que é que faz na vida?»

Estas *happy hours* em Washington são oportunidades veladas para fazer contactos, engates ou ambos. Não tento fazer nenhum deles, mas aqui estou, no Gold Fin, porque prometi ao meu namorado que falaria com a namorada do colega dele para fazer pesquisa no grupo de reflexão dela. Todavia, agora que aqui estou, falar com a Tracy Reflexão parece-me um desperdício do tempo de todos. Não fui feita para grupos de reflexão, nem para relações públicas, nem para organizações sem fins lucrativos; há semanas que não recebo sequer uma recusa genérica. Aos poucos, vou-me apercebendo de que não fui realmente feita para esta cidade, onde toda a gente age como se soubesse alguma coisa que eu não sei e se veste como se fosse ao funeral de um chefe da máfia em 1985. Preto com preto e mais preto. Não é o preto estiloso de Nova Iorque. É o preto entediante, desinspirado, que assenta mal, como um misto de Men's Wearhouse e Ann Taylor Loft.

Por conseguinte, em vez de procurar a Tracy Reflexão, procuro pelo empregado do bar. Tento embebedar-me logo, para deixar de me ralar com a conta bancária e a resposta à inevitável pergunta: «O que é que faz na vida?» Os cantos do bar começam a ficar desfocadas, o chão parece menos pegajoso, e a vida parece bela, irónica e engraçada.

À espera de outra bebida ao balcão, assisto à pantomima de arrivistas de cabeça a acenar que aguardam avidamente o momento em que podem oferecer os seus cartões de visita com frescura mentolada. Aos 20 e poucos anos, estes jogadores de bancada de quinta à noite, e bêbedos de sábado à noite, são menos interessantes do que as paredes brancas deste bar, mas a sua arrogância é tanta, que deve ser a mim que me escapa alguma coisa. Afinal de contas, são pessoas a sério, com empregos a sério e ordenados a sério. São jovens

profissionais que não vão às compras para a casa de calças de fato de treino a meio de uma tarde de quarta-feira. Olho para o fundo do copo e pergunto-me: *Quando é que fiquei assim tão para trás? Quando é que me tornei uma falhada de 26 anos, sem emprego nem objetivos de vida, sem sequer responsabilidade financeira suficiente para poder beber em casa?*

Já vou no segundo cocktail de vodka com arandos e espero pelo terceiro, quando um tipo, com uma rigorosa risca ao lado e o desespero visível de ser como o paizinho, se aproxima de mim, apresenta-se e pergunta, de modo casual: «O que é que faz na vida?»

Sei que outras pessoas na minha situação respondem: «Estou entre empregos», ou «Estou a ponderar opções», mas toda a gente sabe o que isso significa, e eu odeio conversa fiada. Por isso, olho nos olhos deste reaganista com cara de bebé e digo-lhe que não tenho emprego.

Ele mantém um sorriso cordial fixo nos lábios, mas vejo-o a reprogramar o raciocínio, com as engrenagens a girar. Inclina a cabeça, como se conseguisse aferir melhor a minha situação a partir de um outro ângulo. *Deve ser assim que se sentem os cães com três patas, penso.*

O mais engraçado é que ninguém se rala com o trabalho que fazemos. Não perguntam por terem curiosidade quanto ao nosso dia ou aos nossos interesses. As criaturas de Washington preocupam-se mesmo é com a nossa importância, os nossos conhecimentos, poder ou riqueza. Essas coisas podem ajudar a progredir na carreira. Uma rapariga sem emprego a embebedar-se num bar não pode fazer nada por ninguém.

O reaganista faz marcha-atrás assim que lhe servem outra cerveja, nem se dá ao trabalho de me entregar um cartão de visita, e eu emborco rapidamente o terceiro copo e saio do bar antes de a Tracy Reflexão aparecer. No caminho para casa, envio uma SMS ao meu namorado a dizer que estou farta de *happy hours*. Deixam-me deprimida.

* * *

MUDEI-ME PARA WASHINGTON, D.C., NA PRIMAVERA DE 2011, SOZINHA, para trabalhar como professora assistente por um semestre na Sidwell Friends School. A ideia era ficar a viver na capital durante três meses, nem mais um minuto. Afinal, quem é que quer morar em Washington? Tinha amigos bastantes para animar uma estadia de três meses, mas também amor-próprio suficiente para saber que eu e a cidade nunca atinaríamos uma com a outra. Washington é a miúda que nunca diz palavrões e usa sempre maquilhagem completa; o fulano que, ao fim de semana, faz reserva de um *brunch* para ele e os seus dez melhores amigos e acha que deixar uma gorjeta de 15 por cento chega e sobra. Mudei-me para a cidade com duas malas e os olhos bem abertos — Washington serviria para ganhar currículo, e a cidade ficaria com todo o meu dinheiro em renda e sandúiches insípidas a 11 dólares.

Instituição *quaker* exclusiva, a Sidwell Friends tem um rol notável de antigos alunos, desde o filho de Teddy Roosevelt a Bill Nye, «The Science Guy», e Chelsea Clinton. Parece uma panela de pressão, em que a série de aulas à sexta-feira inclui pais que, por acaso, também são congressistas, e não foi surpresa para mim perceber que os alunos da Sidwell tinham muito receio de não serem suficientemente inteligentes ou bons o bastante em oboé/squash/debate/todos os anteriores para ingressarem na faculdade. Por conseguinte, além de estruturar ensaios e teses, passei grande parte das minhas aulas a reconfortar miúdos de 16 anos, dizendo-lhes que, sim, eram inteligentes, iriam para a faculdade, sim, senhor, e eram absolutamente dignos do baile de formatura. Dito de outro modo, o meu emprego na primavera de 2011 consistiu em ajudar aquelas bolas de stress dominadas por hormonas a desopilar.

O recinto da Sidwell era belíssimo, bem como os professores extremamente atraentes e em excelente forma física que eu encontrava nos corredores. Deduzi que a escola se gabaria de um programa experimental topo de gama de educação física ao ar livre, para atrair tanto músculo masculino. Solteira com tempo limitado no recinto, não perdi tempo a armar-me em sonsa. Porém, de cada vez que cumprimentava um desses bonecos Ken humanos de camisa de

manga curta, olhavam-me com um sorriso rápido de lábios fechados, completamente desinteressados.

Um dia, no refeitório, sentada diante de um dos professores de queixo anguloso, apresentei-me. Ele fez-me um sorriso encaulado e explicou que estava a trabalhar. «A trabalhar em quê?», perguntei. Não tinha à frente uma resma de papéis, uma pilha de exames, nem sequer uma caneta na mão. Estava sentado sem nada à frente, mas estava a trabalhar? Tornou a dizer o mesmo e apontou com a cabeça na direção de um grupo de raparigas, sentadas a uma mesa enviesada em relação à nossa. Fiquei confusa, até que uma das raparigas guinchou «Malia!» e a mesa inteira desatou às gargalhadas.

Ah, pois. As filhas de Obama andavam na Sidwell, bem como as netas de Joe Biden. Aqueles tipos não eram modelos que faziam uma perninha como professores de ginástica; eram agentes dos Serviços Secretos.

Desisti dos agentes por volta da mesma altura em que desisti de Washington, de um modo geral. A cidade era demasiado certinha para mim, demasiado obcecada com política. Quando o trabalho na Sidwell terminasse, em junho, faria a mala e iria para onde o emprego seguinte me levasse, abandonando o grande grupo de amigos da faculdade que tinha migrado para Washington depois da licenciatura.

Não é que em Washington fosse tudo mau — teria saudades do tempo passado com a Sarah, a Erin, a Charlotte, a Emma e a Jade, cinco das minhas antigas colegas da equipa de lacrosse, cujos apartamentos em Foggy Bottom eram tão perto uns dos outros como dormitórios universitários. Morar ali com tal sortido de amigas fazia-me lembrar os tempos eu que fui sénior num pequeno *campus*. Andava tonta, de tão atarefada. Havia sempre uma *happy hour* num terraço qualquer, uma festa de aniversário, ou um concerto de jazz no National Gallery Sculpture Garden nas noites de sexta-feira, ou *brunches* bem regados aos sábados, que começavam ao meio-dia e terminavam fora de horas. Encontrávamo-nos para correr no Rock Creek Park e descíamos ao National Mall, contornando os monumentos

e lamentando a nossa lentidão, quando comparada com os tempos que fazíamos antes de a época desportiva começar.

— Até é engraçado — disse a Sarah, num sábado de maio, quando íamos de braço dado a uma festa na Seventeenth Street. O JD e a Elle, também antigos alunos de Wesley, iam fazer o primeiro churrasco da época. — Parece que Washington é a nova Wesley.

— Só que sem exames, nem stress, nem jogos gelados de lacrosse no Maine — retorquiu Jade, estremeçando só de se lembrar.

— Nem dramas com rapazes — disse a Charlotte. — Ou haverá dramas com rapazes?

Sinto o cotovelo dela nas minhas costelas e todas param a olhar para mim.

— Népia!

— Ai, não? — perguntou a Emma. — Não tiveste sorte com os agentes dos Serviços Secretos?

— Sorte nenhuma, mas não faz mal, porque não vou namorar com rapazes enquanto estiver em Washington.

— Quer dizer que vais namorar com raparigas? — indagou a Jade. Abanei a cabeça.

— Só cá estou mais um mês. Não vou perder tempo a sair com aspirantes a Napoleão.

Washington é uma cidade ótima para um fim de semana prolongado, para ver os monumentos e as cerejeiras em flor, mas o carácter desta terra, de quem só sabe ser político, é tão sedutor como o Patrick Bateman em *Psicopata Americano*. Até o caixa no Trader Joe's me perguntou o que faço na vida, quando me ensacou as compras com a perícia de um campeão de Tetris.

Por uma vez que fosse, a minha vida social parecia linear. Declarara a cidade inteira zona de amigos e sentia-me ótima com isso, porque era só o que me faltava, na primavera de 2011, ficar presa a um tipo numa terra que era um pântano de egos.

E foi por isso que, naturalmente, não me perdi de amores nesse serão do churrasco no quintal.

* * *

A NOITE ESTAVA QUENTE E HÚMIDA; EU JÁ TINHA EMBORCADO O SEGUNDO cocktail de vodca com arandos quando o vizinho de cima saiu para o alpendre com uma cerveja e uma tigela de batatas fritas. Era alto, tinha cabelo louro-escuro e a simpatia descontraída de um californiano deslocado.

— Olá, sou o Sam — disse ele, estendendo a pata de urso que lhe servia de mão.

Entre o cachação de atleta e os olhos verde-musgo, tive a certeza de que ele tinha a cara mais gira que eu já vira, mesmo que ainda cheia de lama do torneio de rãguebi que durara o dia inteiro. De cada vez que olhava para mim, o coração parava-me no peito. Quando o Sam se ria de uma piada minha, eu quase desmaiava. Após cerca de uma hora, vi-o despedir-se dos amigos, no momento em que a minha canção começou a tocar — «Heart It Races», versão de Dr. Dog. Antes de se ir embora, sussurrou-me ao ouvido que Dr. Dog também era uma das suas bandas favoritas.

— Foi como um raio! — guinchou a Sarah no caminho para casa essa noite.

— *Hasta la vista*, intervalo de namorados! — disse a Jade, a rir-se.

— O JD diz que o Sam acabou de pedir o teu número — acrescentou a Charlotte, a sorrir para uma SMS.

— Dá-lho já! — bradou a Emma.

O SAM NÃO ERA COMO OS OUTROS HABITANTES DE WASHINGTON. QUER DIZER, trabalhava em relações públicas e era politicamente mais ativo do que eu, mas toda a gente era. É verdade que tinha feito voluntariado na campanha de Obama, em 2008, mas toda a gente da minha idade, em Washington, participara na Obama for America — fazia parte do percurso normal: escola secundária, quatro anos de faculdade, OFA. Quando eu dizia às pessoas que estivera a dar aulas no outono de 2008, todas faziam caretas de perplexidade. Porque é que tinha passado o ano de 2008 a lecionar, quando poderia ter sido voluntária do maior presidente que já tivemos? A ideia de que, depois da faculdade, precisava de amortizar os empréstimos que contraía para

os estudos — mesmo que tivesse sabido do voluntariado, seria incomportável — nunca lhes passava pela cabeça.

Porém, o Sam percebia, e percebia-me a mim. Adorava que eu fosse professora, que não desse importância a cartões de visita ou cargos. Começámos a trocar SMS todos os dias e a encontrar-nos todas as noites, cientes mas sem receio do acelerado romantismo daquele namoro.

Duas semanas depois do churrasco no quintal, eu e o Sam estávamos na fila para a caixa no WholeFoods. Pusemos as compras no tapete rolante e perguntei-lhe: «És meu namorado, não és?», e foi assim que se tornou oficial. Duas semanas depois, ele estava no casamento do meu irmão, a conhecer a família inteira no meio de um turbilhão de stress. A minha mãe gostou da atitude proativa do Sam (consertou um banco do jardim). O meu pai gostou do seu aperto de mão (firme mas não como um torno). A minha mana gostou dos ténis *Converse*. O meu irmão mais velho, o noivo, achou que eu era «doida varrida» por arrastar um namorado novinho em folha para um casamento de família, «e a Elizabeth concorda comigo», disse ele, ao telefone comigo, referindo-se à futura mulher.

Nessa noite, enquanto todos dançavam debaixo de um grande toldo branco no quintal, o Sam disse que me amava. Estávamos a cerca de 30 metros da paragem de autocarro da minha infância. O meu irmão tinha razão: eu era mesmo doida varrida. Felizmente, o Sam também.

OS BONS COMPANHEIROS AJUDAM-NOS A CRESCER E OBRIGAM-NOS A SAIR DA zona de conforto. O Sam começou logo a fazer as duas coisas. Estava sempre otimista. Entre beijos e aquela onda descontraída sul-californiana, senti-me muito mais serena, como se houvesse sempre um gatinho a dormir no meu peito.

A maioria das noites desse verão foram passeios de sonho, musicais e inebriantes. O Sam passava os dias na empresa de relações públicas e as noites a tocar numa banda chamada Fear of Virginia. Conhecia todos os bares subestimados da cidade e tinha tantos amigos, que comecei a tratá-lo por vereador. Não conseguíamos descer

a Eighteenth Street sem ele parar para cumprimentar os lava-pratos que faziam uma pausa à porta do Lauriol Plaza, ou um grupo de antigos colegas a comer mexilhões no L'Enfant Café.

Éramos o oposto em muitos aspetos: o Sam era notívago, ao passo que eu gostava de ganhar à aurora nas corridas matinais. O Sam tinha um milhão de amigos, eu tinha um núcleo duro. Ele via cambiantes de cinzento em todas as situações, ao passo que eu só queria caixas arrumadinhas de preto e branco, certo e errado. Eu falava com os meus pais, irmão mais velho e maninha quase todos os dias e tínhamos mensagens de grupo sempre ativas, enquanto o Sam era mais independente da sua família, que ainda vivia em Los Angeles. Ele sabia cortar hortaliça em juliana, eu nem sequer sabia o que queria dizer «em juliana». O Sam reconhecia qualquer congressista que passasse por nós e tinha opinião sobre cada diploma legislativo. Eu não sabia nada disso.

Mas, no fundo, tínhamos os mesmos valores, queríamos as mesmas coisas. Deixávamos boas gorjetas em restaurantes, pois já tínhamos servido às mesas. Adorávamos dançar em concertos e jogar desportos de equipa ao domingo — rãguebi para ele, futebol para mim. Vivíamos para a emoção de uma música nova e deixávamos o maior aplauso para o *encore*. Adorávamos ler e enfardar à meia-noite. Ele desprezava os imbecis aspirantes a políticos, tal como eu. «Chamo-lhes criaturas de Washington», disse-me ele, numa noite em que fazíamos um brinde, numa *happy hour* apinhada de egos. Eu e o Sam passávamos as tardes de domingo no parque canino da S Street, a observar os nossos rafeiros favoritos. Ambos almejávamos carreiras compensadoras e poderosas — não sabíamos como lá chegar, mas sabíamos que haveria de acontecer. Agora que nos tínhamos encontrado um ao outro, sabíamos que iríamos ter tudo o que desejávamos.

Com o Sam por perto, fiquei menos ansiosa em relação ao meu futuro. Deixei-me ficar em Washington, depois de a Sidwell fechar nas férias grandes, e decidi que a minha aventura seguinte seria ali, com o Sam. «Amor e felicidade», cantava Al Green enquanto fazíamos o jantar, «vão fazer-te acertar».

Mudei-me para uma casa geminada na Swann Street, a norte de Dupont Circle, com a Emma e a Charlotte. Essa casa tinha um alpendre, perfeito para o verão, e um quintal concebido para *brunches* que duravam o dia todo, coisa em que já éramos peritas desde a faculdade. O melhor dessa casa é que ficava ao virar da esquina da casa do Sam. Demorava menos de cinco minutos a pé até à casa dele, e o parque canino ficava no caminho.

No final do verão, o único senão era continuar desempregada. A Emma trabalhava no Capitólio, para o senador Leahy, mas eu e a Charlotte mantínhamo-nos no desemprego, juntas. Éramos jovens, inteligentes, trabalhadoras; alguma coisa haveria de se arranjar.

OU SERÁ QUE NÃO? OS DIAS VÃO FICANDO MAIS CURTOS, EU VOU GASTANDO as poupanças e não sou chamada para entrevistas. Talvez devesse ter ouvido o meu pai, quando me avisou da Grande Recessão que praticamente tornava impossível arranjar emprego. No outono de 2011, nem sequer consigo arranjar um estágio não remunerado, porque as vagas já estão todas preenchidas — se bem que um estágio não remunerado não seria comportável para mim. Todas as manhãs, eu e a Charlotte ligamos os computadores portáteis, de má vontade, quando estamos à mesa da cozinha, cada vez menos convencidas, com o passar do tempo, de que alguma vez haveremos de encontrar emprego nesta terra.

Intimamente ciente da minha autoconfiança decrescente, o Sam envia-me uma citação de Steve Jobs: «Não podes unir os pontos olhando para a frente; só podes fazê-lo olhando para trás. Tens de acreditar que os pontos se vão unir, de algum modo, no teu futuro.» Gosto tanto da citação, que a escrevi a lápis de cera azul em papel branco e colei-a no frigorífico de casa.

Foi numa terça-feira cinzenta de outubro que recebi finalmente um telefonema. A minha anterior chefe na Sidwell quer contratar-me outra vez, enquanto a professora a tempo inteiro volta lentamente ao ativo, após seis meses de licença de maternidade. «Tem demasiado em mãos», explica, e eu vou fazendo barulhinhos compassivos num

esforço para conter o entusiasmo. Fico delirante por me chamarem — não só por precisar desesperadamente de dinheiro, e porque isso significa que gostaram de mim, mas também porque pode ser a oportunidade de vir a ser professora a tempo inteiro.

Volto para a escola como uma atleta veterana com a vantagem de jogar em casa, simpática com as senhoras do refeitório e os agentes dos Serviços Secretos que me reconhecem da última primavera. Ponho a conversa em dia com os alunos, no meu pequeno gabinete com vista para o relvado, e deleito-me com o tempo que passo com os adolescentes, mesmo quando estão à beira das lágrimas por causa da preparação para os exames — ou talvez especialmente por estarem à beira das lágrimas por causa da preparação para os exames.

Ando mais feliz, mas ainda aflita com o pagamento da renda. A Sidwell é só a tempo parcial, pelo que junto todos os meus explicandos às quartas-feiras. Assim, posso arranjar mais trabalhos para chegar ao fim do mês.

Chegada a janeiro de 2012, tenho cinco empregos: professora substituta na Washington International School, empregada de mesa no café Kramerbooks & Afterwords, a Sidwell às quartas-feiras, e explicações a miúdos ao domicílio. Também trabalho 20 horas por semana na Lululemon, no que é um choque cultural para mim (100 dólares por calças de yoga?). Ando a correr pela cidade com três fardas diferentes dentro da mochila e consigo pagar as despesas, mas ando tão extenuada e ocupada, que quase nem vejo o Sam. Nas várias deslocações, começo a pensar mais na minha baleia branca: um único emprego a tempo inteiro, com subsídios e um título estiloso. Muitos dos meus colegas de curso estão a tirar Direito, e eu consigo imaginar-me de pasta na mão, a ganhar um bom ordenado, com o cabelo preso num carrapito. Dado que não sei grande coisa de advogados, tirando o que aprendi a ver *Na Sombra e no Silêncio*, *Uma Questão de Honra* e *Legalmente Loira*, começo a fazer pesquisas na Internet.

Quando vejo um anúncio no Craigslist, a pedir uma estenógrafa para uma sociedade de advogados, candidato-me, mas tenho de me rir quando chego à secção que me pede uma carta de apresentação.

Uma carta a apresentar o meu entusiasmo por ir datilografar? Já escrevi mais de 50 cartas de apresentação, e duvido que tenham lido sequer uma. Não vou mesmo perder tempo a escrever para um emprego de estenógrafa publicado no Craigslist, coisa que só aceitaria na condição de poder passar a assistente jurídica.

Por conseguinte, quando a «Bernice» responde à minha candidatura com o seguinte: «Obrigada pela candidatura. Recebi o seu currículo, mas não enviou carta de apresentação», respondo-lhe: «Creio que o meu currículo fala por si», armada em Robert De Niro, em vez de uma rapariga de 26 anos que compra uma lata de sopa de tomate na Safeway para os almoços da semana inteira. Não me parece que venha a ter notícias da «Bernice», mas ela convida-me para prestar provas, que eu deduzo que sejam de datilografia. Na boa.

Nessa sexta-feira, chego ao prédio de escritórios na Sixteenth Street. Peço ao senhor da portaria que me guarde as botas *Uggs* ensopadas de neve e calço os sapatos de salto alto que levava na mala. Subo ao quinto andar, onde uma senhora me leva para um gabinete vazio e diz que tenho uma hora para concluir a prova.

Mas a prova não é de datilografia. As perguntas são de reposta de escolha múltipla, e até há uma secção de analogias, como aquela nos exames práticos que fiz quando comecei a pensar em ir para a faculdade. Divertido! A verdade é que gostei de fazer a prova e quero muito saber o resultado, especialmente se confirmar que sou um génio oculto e que tenho tido muito azar na procura de emprego. Uma oferta de emprego — qualquer oferta de emprego — serviria para aumentar a autoconfiança na minha competência.

Na segunda-feira seguinte, a Bernice envia-me uma mensagem a dizer que me saí bem na prova e a perguntar se posso ir a uma entrevista.

Há três coisas que sei muito bem quando aceito uma entrevista nos Recursos Quantitativos: primeira, não quero trabalhar lá; segunda, tenho de treinar as aptidões para entrevistas; terceira, as cartas de apresentação, tal como pensava, são uma rematada treta.

No dia em que devia ir à entrevista com a Bernice, a minha formação na Lululemon prolonga-se. Não quero dizer à gerente que

preciso de me despachar para ir a uma entrevista, porque é uma daquelas raparigas aterradoras de Long Island que vestem XS mas dizem que precisam de perder dois quilos e meio, para depois olharem para nós à espera de que lhes digamos que são tão bonitas, perfeitas e magrinhas. Preferia roer o próprio braço a ter de lhe explicar alguma coisa além de, por exemplo, «dobrei mais umas pilhas de tops com alças *Power Y* antes da pausa». Por conseguinte, falto à entrevista com a Bernice.

Quando finalmente me despeço dos colegas e saio da loja, tenho o telemóvel sem bateria. Só duas horas após a hora marcada para a entrevista com a Bernice é que consigo enviar-lhe uma mensagem a pedir desculpa por não aparecer, e não ligo ao nó de ansiedade que tenho no peito. Mas quem é que falta a uma entrevista? Só uma parva de uma maria-ninguém com 26 anos que não vai a lado nenhum.

Dirijo-me aos correios para enviar ao meu irmão um presente de aniversário e sinto-me a maior tonta. Tento convencer-me de que não preciso realmente do sexto emprego a tempo parcial. Talvez possa vir a ser gerente na Lululemon — uma boa gerente, que não conta em voz alta as calorias que os outros comem à hora de almoço.

Na fila dos correios, vejo uma nova mensagem da Bernice. Vai dizer-me que sou uma pessoa estouvada e péssima que nunca vai arranjar emprego nesta terra — nem em parte nenhuma —, se nem a uma entrevista consigo comparecer. Ainda penso em apagar a mensagem sem a ler, mas decido que mereço bem o que ela tiver a dizer, por mais desagradável que seja.

Olá, Rebecca.

Compreendo que esteja atarefada. A bem da transparência, queria informá-la de que este emprego é na Casa Branca e que a Rebecca iria viajar com o presidente em deslocações pelo país e internacionais. Diga-me se isso muda as coisas para si.

Bernice

Deixo cair o telemóvel. Se calhar, até o atiro. Seja como for, aterra com um baque no chão de mosaico. Quando o apanho, o ecrã não está estalado e aquela mensagem de loucos continua lá.

— Estamos em Washington, pode não ser brincadeira — diz a Charlotte, quando lhe mostro a mensagem de e-mail em casa.

A busca de emprego dela tem sido tão frutífera como a minha; ou seja, infrutífera. Porém, os olhos da Charlotte brilham ao ler a mensagem, com os cantos da boca a curvarem-se num sorriso. Pelo menos uma de nós não acha que isto seja uma partida de mau gosto. Eu não confio na Internet desde o sexto ano, quando falava com o Brian Littrell dos Backstreet Boys no Instant Messenger da AOL e depois descobri que, afinal, era uma miúda de 9 anos, que só confessou a verdadeira identidade quando a mãe ameaçou cancelar-lhe uma festa de aniversário.

VOU À ENTREVISTA COM A BERNICE NA SEMANA SEGUINTE. DO GABINETE DE canto onde ela trabalha, vê-se a Casa Branca.

— Há uma vaga para ser estenógrafa do presidente — diz ela.

Aparentemente, a profissão ainda existe no século XXI. Enquanto me imagino com óculos de gatinha e cabelo armado, a picar milho numa máquina pequenina, a Bernice explica que eu ficaria responsável pela gravação de entrevistas, briefings, teleconferências e discursos, para depois os passar à máquina no gabinete de estenografia.

Ninguém está à espera de que eu escreva à máquina em tempo real.

Ninguém está à espera de que eu aprenda estenografia propriamente dita.

A discrição e o rigor são mais importantes do que a velocidade.

Iria aprender a entregar transcrições oficiais da Casa Branca ao gabinete de imprensa e ao arquivo presidencial. Iria aonde o presidente Obama fosse. Seria a tempo inteiro, com subsídios. Aliás, seria mais a tempo inteiro do que a maioria dos empregos a tempo inteiro, porque há trabalho aos fins de semana.

— Dei aulas num colégio interno durante dois anos — explico à Bernice. — Estou habituada a trabalhar aos fins de semana.

A Bernice ergue o sobrolho e olha para as unhas vermelhas cor de maçã.

— Certo — diz. — Mas isto é a Casa Branca.

Peço desculpa à Bernice por faltar à primeira entrevista, antes de lhe dizer que estou animadíssima por ter esta oportunidade de a conhecer e de poder vir a ser uma testemunha histórica na primeira fila. Estou quase a chorar e tenho as mãos a tremer. Se ela não me contratar, só posso culpar-me a mim mesma por não ter aparecido da outra vez, mas será um desatino estar tão perto de uma coisa tão boa e não conseguir. Pergunto-lhe porque é que anunciou uma vaga como esta no Craigslist.

— Tinham-se-me acabado as pessoas do Departamento de Estado — responde. Lança a caneta para cima da secretária e recosta-se na cadeira de pele. — Como nunca me tinha acontecido, não sabia bem como encontrar candidatas. A Rebecca destacou-se pela experiência na Sidwell. Se teve autorização para estar perto das filhas do presidente, provavelmente pode estar perto do próprio.

Continua a explicar que há outra entrevista, com Peggy, a mulher que seria minha supervisora na Casa Branca, bem como uma investigação exaustiva do FBI ao meu historial.

— Se tiver cadastro, não pode voar no *Air Force One* — diz ela, ao terminar a entrevista.

Não quero azarar, mas estou bastante confiante de que vou sair-me bem nessa investigação — só fiquei pedrada na faculdade uma vez, e foi por acaso.

Estou tão nervosa e empolgada quando conheço Peggy, que, minutos depois de lhe apertar a mão, desato a tagarelar que adoro Barack Obama, que foi orador na minha cerimónia de formatura, que quase desmaiei quando lhe apertei a mão depois de receber o diploma. Digo-lhe que fui dar aulas em vez de trabalhar em publicidade porque, no discurso dele, nos disse para retribuirmos. Quando termino este matraqueio de frases, apercebo-me de que ela pode muito bem odiar o presidente; afinal, está ali por contrato, não por nomeação política. Todavia, Peggy sorri e inclina-se para mim.

— Eu também o adoro — diz. — Trabalho na Casa Branca há quase 30 anos. Comecei com Reagan, mas este é o meu presidente favorito até hoje.

No dia seguinte, estou no refeitório da Sidwell quando percebo que devia andar com o telemóvel na mão, para o caso de a Bernice me telefonar. Levanto-me com tanta pressa, que embato numa aluna alta que olha fixamente para um teste já classificado. Vou a meio da escada para o meu gabinete quando me apercebo de que a aluna alta era Malia Obama. Em minutos, saberei se o nosso encontro foi auspicioso ou um mau presságio.

Afinal, foi o melhor encontrão que já me deram. O emprego é meu.

NA SEMANA SEGUINTE, VOLTO À AGÊNCIA PARA PREENCHER IMPRESSOS. QUANDO assino a última página e empurro a resma de papéis em cima da secretária na direção da Bernice, pergunto-lhe se tem conselhos para mim. Ela não reage, apenas sorri, mas depois recosta-se na cadeira de pele, a pensar.

— A Rebecca tem namorado? — pergunta ela.

— Tenho... — respondo devagar, sem saber qual será a relevância.

— Ótimo — diz a Bernice. — Guarde-o bem.

Sai-me uma risadinha confrangida.

— Tenho visto muita gente apaixonar-se pelas pessoas erradas — declara ela, os olhos escuros, a voz como uma navalha moderada por um sussurro. — Mantenha o seu namorado — continua ela. — E mantenha-se longe dos agentes dos Serviços Secretos.

Desta vez, rio-me genuinamente. Os agentes? A sério? Já fiz essa experiência na Sidwell.

Saio do gabinete da Bernice e dou comigo a saltitar pelo passeio, fazendo toda a espécie de promessas a mim mesma, e as pessoas por quem passo devem achar que sou doidinha. «Arranjei emprego!», apetece-me dizer-lhes. Juro a mim mesma que vou acompanhar as notícias, que vou chegar cedo ao escritório, que vou comprar sapatos novos, que vou trabalhar muito para toda a gente gostar de mim.

Começo a rir-me quando penso no conselho da Bernice. E vou manter o meu namorado. Essa parte é fácil. Eu amo o Sam.

No dia seguinte, não para de cair neve, numa celebração de confetes brancos. Decido ir até Georgetown com um casaco de fato de treino rosa-choque e calças novas de yoga, pretas, da Lululemon (viva o desconto de colaborador!). Ainda não comecei no emprego, mas a promessa de um ordenado fixo deixa-me concretizar coisas em que penso há meses: cortar o cabelo, comprar ténis novos, oferecer um cinto novo ao Sam, arranjar roupa decente para ir para a Casa Branca.

Já estou quase na M Street quando o meu pai me telefona. Quer saber se estou animada com o emprego novo, porque ele está, e muito! — só o facto de ter ligado mostra bem esse entusiasmo. O meu pai é calado e tímido — não é o tipo de pai que grita das bancadas num jogo de futebol, que bebe uma cerveja com os amigos (ele não tem amigos) ou que liga à filha só para fazer conversa. Só que, esta noite, é exatamente isso que faz.

— Estou um bocadinho nervosa — digo-lhe, e só então me apercebo disso. O meu pai é psicólogo e tem um poder mágico de me fazer perceber coisas e de as verbalizar. É o melhor ouvinte que conheço, exceto quando está a ver um jogo dos Eagles; nessa altura, é escusado.

— Estás nervosa com o quê? — Ele não se importa com os longos silêncios. Deve fazer parte de ser bom ouvinte.

— Bem, pai, afinal de contas, acabei de assinar um contrato para ganhar a vida a digitar. — Ele conhece o poder de uma pausa e deixa-me desatar o nó sozinha. — Sei que é para o presidente, que é na Casa Branca, que vou ver cenas históricas e, no mínimo, vou receber ordenado e subsídios, mas é só escrever no computador, sabes? Não custa nada. Ninguém vai achar que sou inteligente.

Mais uma vez, silêncio.

— Percebes que me vão pagar para não falar?

Com isto, o meu pai ri-se.

— Pois — diz ele, finalmente —, pode ser aborrecido.

Antes de desligarmos, o meu pai lembra-me de que nada é permanente e que esta é uma ótima oportunidade, não só de assistir à História mas também de tirar apontamentos, de escrever sobre isso.

— Já que não podes falar, ouve. Afinal, qual é a pior coisa que te pode acontecer?

É o recurso do meu pai quando estou ansiosa. Tem razão. Depois de nos despedirmos, guardo o telemóvel no bolso. Sinto-me melhor. Respiro fundo e entro na Banana Republic.

Vou percorrendo as lojas da M Street, provo *blazers* e blusas e tento calçar vários pares de sapatos de salto alto. Antes de me libertar desses instrumentos de tortura institucionalizados mais conhecidos por calçado profissional feminino, vejo-me ao espelho: saia-casaco preto, blusa branca, sapatos pretos. Tenho o visual de quem se sabe integrar. É como a montagem das transformações de visual nas comédias românticas, só que ao contrário: a rapariga de espírito livre transforma-se em maníaca do trabalho.

Se conseguir passar por uma criatura de Washington, consigo fazer qualquer coisa, penso eu, enquanto apanho o cabelo num carapito apertado de executiva; sorrio e entrego o cartão de crédito na caixa. No espaço de seis meses, deixei de estar sozinha e perdida no mundo para encontrar o amor e um emprego na Casa Branca. Nas palavras imortais de LL Cool J, «não lhe chames regresso triunfal».

Nesse fim de semana, eu e o Sam vemos episódios seguidos de *Os Homens do Presidente*, que o Sam insiste ser obrigatório antes de me juntar ao mundo Obama. Comemos muita comida mexicana e bebemos muitas margaritas, demasiadas.

— Olha — diz o Sam, dando-me uma cotovelada nas costelas. — Provavelmente, vais voar no *Air Force One* não tarda nada.

Rio-me e refreio lágrimas de alegria, aninhada no colo dele.

No domingo à noite, não consigo dormir, de tão empolgada que estou com o meu primeiro dia. Enquanto Sam ressona a meu lado, tenho a cabeça a mil. Olho para o saia-casaco preto que pendurei atrás da porta. Tenho tanta sorte. Deitada na cama e ainda acordada, calculo que talvez tivesse mesmo precisado de uma mesa cheia de bêbedos na Kramerbooks que não me deram gorjeta numa conta

de 300 dólares, e talvez precisasse de ter tido a gerente da Lululemon a perguntar-me se já tinha pensado em cortar nos hidratos de carbono. Talvez tivesse precisado das *happy hours* deprimentes, das noites solitárias a repreender-me por falta de ambição. Talvez esta fosse a minha grande oportunidade. Talvez Steve Jobs tivesse razão: «Tens de acreditar que os pontos se vão unir, de algum modo, no teu futuro.»

BEM-VINDA AO BAIRRO

fevereiro

A PEGGY ENVIA-ME UM E-MAIL NA SEGUNDA-FEIRA BEM CEDO, O MEU PRIMEIRO de trabalho.

— O nosso escritório fica no quinto andar do Eisenhower Executive Office Building, aquele prédio grande à direita da Casa Branca — explica ela. — Como ainda não tem acreditação oficial, terá de passar pela entrada das visitas, mas traga identificação. Já marquei reunião para si.

Estou tão empolgada por entrar no n.º 1600 da Pennsylvania Avenue, que quase não leio a última linha da mensagem da Peggy: «Bem-vinda ao bairro.» Fico toda arrepiada.

A Peggy espera-me do lado de dentro da entrada das visitas, na Seventeenth and State Place, e dá-me um abraço como se fosse sua sobrinha e não a nova subordinada. Ela é muito alta — perto de um metro e oitenta —, com olhos azuis meigos e cabelo avermelhado muito liso pelos ombros. Não tenho jeito para adivinhar idades, mas diria que está perto da dos meus pais — 50 e muitos, 60 e poucos.

— Isto hoje é capaz de ser um pouco avassalador — diz ela, com um sorriso —, mas vai apanhar o jeito num instante.

Depois de passar pela segurança, faz-me a visita guiada ao Eisenhower Executive Office Building.

O prédio tem o nome do presidente Eisenhower, diz a Peggy, porque o salvou de ser deitado abaixo. Ainda bem que o salvou, porque é lindo, por dentro e por fora. E é enorme — cinco pisos de altura e um quarteirão inteiro de largura.

— As estenógrafas ficam no quinto andar, o ninho do pássaro — diz ela, quando subimos um lance impressionante de degraus de mármore. No cimo, duas portas pesadas abrem-se lentamente para nós, e parece aquele momento de *O Diabo Veste Prada*, em que Stanley Tucci exclama: «Toda a gente a apertar os espalhos!»

Lá dentro, a Peggy explica que a grande escadaria em espiral liga todos os pisos, e que, se ficarmos no centro do piso térreo, podemos ver até ao topo, onde há claraboias com vitrais.

Custa a crer que virei trabalhar para este sítio todos os dias.

Enquanto percorremos o piso térreo, a Peggy aponta para a cafeteria Ike's, do pessoal do EEOB.

— Ali ficam os correios, e ao fundo deste corredor fica o gabinete médico.

— Gabinete médico?

— Dá imenso jeito, porque tem de ter as vacinas em dia antes de viajar para o estrangeiro. Eles dão comprimidos para a malária e essas coisas todas. Os médicos e as enfermeiras acompanham o presidente nas viagens, mas são muito simpáticos e tratam de todos nós.

Isto é surreal.

— Ali ficam alguns gabinetes dos Serviços Secretos, a loja de brindes, a agência de viagens — diz a Peggy, acenando com o braço. — Ah, lá em baixo é a pista de bowling. Pode reservá-la à noite e trazer amigos. A WHCA também fica lá em baixo.

— WHCA?

— White House Communications Agency¹ — explica a Peggy. — São os nossos heróis. Ajudam-nos com o áudio. Tal como no gabinete médico, todos os membros da WHCA são militares no ativo.

¹ Agência de Comunicações da Casa Branca. [N.T.]

Olho para ela de olhos arregalados.

— A maioria já esteve destacada no Iraque e no Afeganistão — diz ela, quando subimos ao primeiro andar.

Só o pavimento já é incrível: mármore aos quadrados pretos e brancos, como que num tabuleiro de xadrez gigantesco. Os corredores são longos, e o som dos saltos dos sapatos faz eco no mármore com tal sonoridade, que me sinto num filme de Hitchcock.

Olho em volta para estabelecer contacto visual com alguém. Gosto de cumprimentar toda a gente, e é por isso que os meus amigos de Manhattan ficam encabulados quando os visito. Porém, está toda a gente tão ocupada, que nem sorri. O pessoal de fato olha para os telemóveis ou em frente. Ninguém diz olá.

Num conjunto de elevadores, a Peggy prime a seta para cima.

— Estas coisas são tão lentas — diz, abanando a cabeça. — Mesmo estando no quinto piso, por vezes parece-me mais rápido ir pelas escadas.

As portas do elevador abrem-se com o grunhido ressentido de um avô com artrite. Eu e a Peggy entramos com mais gente vestida de fato. Quando saímos no quinto piso, a Peggy pede-me que olhe para cima.

— Ena! É como se estivéssemos numa igreja — sussurro, quando olhamos para o teto.

— A Rebecca é religiosa? — pergunta a Peggy.

— Agora sou — respondo.

A PRIMEIRA COISA QUE ME VEM À CABEÇA QUANDO ENTRO NO GABINETE DE estenografia é que é pequeno. Muito pequeno. Há cinco secretárias encostadas às paredes. Três pessoas sentadas a olhar para mim. A Peggy apresenta-me a um tipo da minha idade, chamado Lucas, que ajuda na cobertura ao vice-presidente. Aperta-me a mão, põe auriculares e continua a digitar. Depois, a Peggy diz:

— Esta é a Lisa e esta é a Margie.

São as duas da minha idade e parecem-se uma com a outra, cabelo castanho comprido, olhos castanhos, batom vermelho-vivo,

sobrancelhas perfeitas. Estão vestidas de preto: a Margie de vestido preto, a Lisa de calças e camisola pretas. Serão irmãs? Ou será que começamos a parecer-nos com os colegas quando ficamos num escritório pequenino durante tanto tempo?

Como é Dia de São Valentim, eu queria muito fazer bolachas em forma de coração para os novos colegas, mas o Sam foi contra.

— Primeiro, tenta captar a onda do sítio, antes de fazeres as tuas coisas típicas de professora — disse ele.

Nessa noite, digo ao Sam que as colegas do escritório não gostam de mim. Ele ri-se e encolhe os ombros, entre garfadas do esparquete que cozinhou para nós.

— Foi o teu primeiro dia, só saberás o que acham de ti daqui a um mês, pelo menos.

Antes de adormecer, convenço-me de que aquelas raparigas hão de gostar de mim. A felicidade é contagiante, e eu nunca estive mais feliz. Tenho um namorado espetacular, uma casa espetacular com duas companheiras espetaculares, e agora tenho um emprego novo e espetacular.

NO DIA SEGUINTE, CONHEÇO A MULHER QUE VOU SUBSTITUIR. A CONNIE É estenógrafa na Casa Branca há nove anos, mas quer experimentar algo novo, e este emprego tem-lhe aberto portas. Outra vantagem. Talvez a minha temporada na Casa Branca me ajude a perceber se quero ser jornalista, ou legisladora, ou se quero mesmo ir para Direito.

A Peggy pede à Connie que me leve a uma conferência de imprensa que começa dali a cinco minutos. O nosso passo acelerado passa a corrida quando atravessamos o parque de estacionamento que separa o EEOB da Ala Ocidental.

— Aqui fica a West Exec² — diz a Connie para trás, para se fazer ouvir por entre o ruído de uma dúzia de carrinhas pretas em ponto-morto.

² West Executive Avenue Northwest. Via encerrada que tem a função de parque de estacionamento para os funcionários da Casa Branca. [N.T.]

Do ninho no quinto piso no EEOB à sala de imprensa da Ala Ocidental, é uma caminhada de sete minutos, à vontade, mas uma difícil corrida de dois minutos. Corremos e aceleramos pelos corredores, empurramos três conjuntos de portas, subimos uma escada, sorrimos para dois guardas, premimos um grande botão quadrado e descemos dois degraus para o gabinete de imprensa. Aqui, a Connie recobra o fôlego e eu deduzo que chegámos.

Estão duas mulheres na casa dos 20 anos atrás de grandes ecrãs de computador. A Connie apresenta-me e toda a gente para. Mais tarde, saberei identificar esta pausa como o baralhar das apresentações hierárquicas, encontrar a ordem nas fitas serpenteantes dos cargos.

Um homem louro com óculos sai de trás de um mar de caras e avança para mim.

— Olá, Rebecca. Chamo-me Jay Carney.

Inclino-me ao lado da Connie para lhe apertar a mão e pergunto-me porque é que o nome não me é estranho. O grupo de imprensa está do outro lado de duas portas robustas pintadas de azul imperial.

— Eles têm estado à espera — explica a Connie. — Siga para a retaguarda. Se houver lugares vagos, pode sentar-se, mas isto hoje deve estar à pinha.

Ouçõ imensas pessoas a falar do outro lado, mas, quando a Connie empurra uma porta, faz-se silêncio. Estou a entrar num palco depois de o pano subir. Toda a gente olha para nós. Dezenas de caras e inúmeras objetivas, paralisadas de expectativa. A Connie avança pela sala com autoconfiança e o silêncio dá lugar ao burburinho, quando os jornalistas percebem que não é o assessor de imprensa a chegar para o briefing diário, apenas a estenógrafa e uma rapariga atrás dela.

Imito a Connie e passo diante da primeira fila de jornalistas bem trajados e penteados a rigor. Mais tarde, saberei que são das operadoras de televisão, e que apenas a Associated Press e a Reuters são imprensa e estão na primeira fila. O *New York Times*, o *Washington Post* e o *Wall Street Journal* ficam na segunda fila. O BuzzFeed fica algures mais para trás.

Por agora, sinto os olhos fixos em mim. Não é uma atenção particularmente simpática, e eu concentro-me em sorrir da maneira como um peixe se concentra em nadar fora da visão periférica de um tubarão. A Connie senta-se à frente da primeira fila com um microfone na mão e insere os auriculares, e eu dirijo-me para a parte de trás, com o coração a bater contra a camisa limpa a seco, agora húmida de suor.

Nem um minuto depois, transpõe as portas azuis um desfile de quatro pessoas. Lá está outra vez — o silêncio súbito — quando o Jay Carney sobe ao palanque e apoia o dossiê na tribuna.

— Boa tarde e bem-vindos à Casa Branca para o briefing diário. Antes de responder a perguntas, tenho um anúncio a fazer.

A sala está cheia, as perguntas começam e o Jay apara-as a todas com a calma de um interbase da primeira liga. É paciente mas reativo. Não se apressa. Não tardo a habituar-me ao «toma lá, dá cá» da sala de briefing, mas hoje estou extasiada com a emoção de ver a abertura do jogo pela primeira vez, siderada com a vista além dos lugares do galinheiro.

Envio uma SMS ao Sam assim que saio, e ele goza comigo por não saber quem é o Jay Carney. Tinha visto o briefing inteiro no canal C-SPAN e conseguiu ver-me em duas imagens. Tem tanto orgulho em mim.

Em 2012, Beck Dorey-Stein acumula cinco empregos para pagar as contas. Sempre a sonhar com um futuro melhor, responde a um anúncio que lhe vale um emprego de estenógrafa na Casa Branca. Sentindo-se como um peixe fora de água, junta-se à equipa de elite que acompanha o presidente Barack Obama em todas as suas deslocações, sempre de gravador e microfone na mão, para mais tarde poder registar tudo por escrito.

Nas viagens que faz por todo o mundo a bordo do *Air Force One*, vai desenvolvendo relações de amizade e cumplicidade com um grupo de colegas que a acompanha em todas as suas aventuras pessoais e profissionais, acabando por envolver-se romanticamente com um deles.

Ao mesmo tempo que o presidente Obama se vê a braços com atentados terroristas, delicadas relações diplomáticas e intrincadas políticas internas, Beck vive uma paixão avassaladora, que a obriga a tomar decisões por vezes irrefletidas e que a atira para um mar de dúvidas.

**Num cenário de glamour, drama e intriga,
esta é a história das amizades improváveis
e desgostos de amor de uma jovem
que acaba por descobrir o que é
realmente importante na sua vida.**

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-471-6



9 789896 684716

Biografias/Memórias